

AS MULHERES E OS DESAFIOS DENTRO DO FUTEBOL NA GUINÉ-BISSAU¹

Fininha Cá²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo buscar entender a inserção das mulheres guineenses no mundo do futebol e os entraves vivenciados por elas dentro e fora do campo, focalizando na questão da desigualdade e do preconceito sofrido por elas. Durante a pesquisa, as dificuldades para encontrar textos que falam sobre a participação das mulheres no futebol em Guiné-Bissau foram grandes, pois a bibliografia produzida relata mais o futebol masculino. Assim, recorreremos ao método qualitativo, através do uso de entrevistas, o que nos possibilitou acessar informações sobre o futebol feminino ainda pouco exploradas no contexto guineense. Os resultados encontrados mostram que as mulheres no futebol guineense, desde sempre, sofrem enormes dificuldades, tais como falta de patrocínio, preconceitos no seio familiar e na sociedade mais ampla, invisibilidade e abusos psicológicos e sexuais.

Palavras-chaves: discriminação de sexo contra as mulheres - Guiné-Bissau; futebol feminino - Guiné-Bissau; jogadoras de futebol - Guiné-Bissau.

ABSTRACT

This article aims to understand the insertion of Guinean women in the world of football and the obstacles experienced by them on and off the field, focusing on the issue of inequality and prejudice suffered by them. During the research, the difficulties to find texts that talk about the participation of women in football in Guinea-Bissau were great, because the bibliography produced reports more about men's soccer. Thus, we resorted to the qualitative method, through the use of interviews, which allowed us to access information about women's soccer that was still little explored in the Guinean context. The results show that women in Guinean football have always suffered enormous difficulties, such as lack of sponsorship, prejudice within the family and in the wider society, invisibility and psychological and sexual abuse.

Keywords: female soccer players - Guinea-Bissau; sex discrimination against women - Guinea-Bissau; women's soccer - Guinea-Bissau.

¹ Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Andressa de Freitas Ribeiro.

² Graduada em Humanidades e Licencianda em Ciências Sociais pela UNILAB.

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um pequeno país situado na costa ocidental da África e faz fronteiras com o Senegal, ao norte, com a Guiné-Conacri, ao sul e leste, e com o Oceano Atlântico ao oeste. O país conta com uma superfície total de 36.125km² (SCANTAMBURLO, 1999). Administrativamente, o país divide-se em três províncias: Norte, Sul e Leste; oito regiões: Biombo, Oio e Cacheu (na província Norte); Bafatá e Gabú (na província Leste); Quinará, Tombali e Bolama Bijagós (na província Sul); e sector autónomo de Bissau, capital do país. Mendes (2000) aponta que:

O Recenseamento Geral da População e Habitação, realizado em dezembro de 1991 pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Censo apresenta o número aproximado de 979.203 habitantes, representando um aumento de cerca de 215.628 pessoas em relação ao censo anterior (1979) e uma taxa de crescimento médio anual de 2.3%, no período entre 1979 e 1991. (MENDES, 2000, P. 41)

Os dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas apontam que o país conta com um total de quase dois milhões de população (CÁ, RÚBIO, 2019). No momento atual, infere-se que esse número já atingiu os dois milhões de habitantes, conforme aponta um dos políticos populares do país.

Há que se apontar que o país é multilíngue e multicultural apesar de sua pequena superfície territorial (CÁ, 2021). Scantamburlo (1999) observa que o país conta com mais de vinte grupos étnicos, sendo cada grupo com sua língua nativa. Nessa questão linguística, não há um consenso entre pesquisadores, pois, segundo Mendes (2000), há nesse espaço geográfico cerca de 32 línguas. No que se refere ao índice de desenvolvimento humano, “O relatório Mundial sobre o desenvolvimento humano de 1995 coloca a Guiné Bissau no 163 ° lugar num total de 174 países, com um índice de Desenvolvimento Humano de 0,212” (PNUD, 1996 *apud* MENDES, 2000, p. 41). Percebe-se que é necessário trazer esses dados da contextualização do país neste trabalho, especificamente os que apontaram para o índice de desenvolvimento humano, com o intuito de refletir como tais dados influenciam nas questões de gênero e desigualdade entre homens e mulheres.

Ao falar da trajetória histórica do futebol na Guiné-Bissau, percebe-se que a construção e o papel da mulher no futebol se baseiam na própria sociedade na qual elas se inserem. Depois, desde a tenra idade, compreende-se como é diferenciada as brincadeiras entre os meninos e

meninas. As meninas são ensinadas, por exemplo, a brincar de cozinha e com bonecas, enquanto os meninos devem brincar com bolas e carros. Entretanto, o caso desse país não é particular, apesar de ter suas características próprias quanto a questão do gênero no esporte.

Para Franzini (2005, p.316), “é notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino”. Raramente se fala da inserção das mulheres na trajetória do futebol no território guineense, além da pouca consciência que a própria sociedade tem no que se refere a entrada delas nesse meio. Sendo assim, percebe-se que o processo de afirmação das mulheres dentro do futebol, na Guiné-Bissau, ainda está por acontecer devido aos vários motivos que serão levantados no decorrer deste trabalho.

Neste universo, há um contexto desigual entre homens e mulheres, baseado na estrutura da própria sociedade, pois o lugar da mulher é limitado socialmente e o mundo do futebol se configura como um lugar específico para homens. Nessa perspectiva, entende-se que não é fácil a entrada da mulher nesse contexto, porque nele a cultura machista está estruturada. As pessoas do gênero feminino não têm seu espaço e também não são deixadas a criarem seus próprios caminhos sem ter homens à frente. Para compreender esse contexto é necessário fazer um estudo profundo, partindo da construção do futebol e de como ele é caracterizado dentro da sociedade guineense

O presente artigo visa analisar e apresentar os entraves vivenciados pelas mulheres no que diz respeito à sua entrada e permanência no futebol, percebendo a construção e o espaço de gênero nesse esporte na Guiné-Bissau. A escolha deste tema surgiu através da minha inquietação relacionada às várias situações que ocorrem no futebol feminino na Guiné-Bissau, das quais se observa as discriminações que as mulheres enfrentam só pelo fato de serem “mulheres” querendo jogar essa modalidade esportiva. Assim, a motivação para falar deste tema vem da minha experiência de vida (minha própria história de vida como mulher que joga futebol amador).

Um dos motivos da escolha do tema são as várias situações de violência que ocorrem no futebol feminino e as experiências vivenciadas por mim, como uma jogadora amadora. Tais situações serão trazidas, no decorrer deste trabalho, através das narrativas sobre a minha trajetória futebolística, junto a isso, serão também narradas as situações vividas por outras mulheres neste esporte como uma forma de dar visibilidade a este aspecto.

São vários questionamentos, discursos utilizados para explicar o motivo de pouca visibilidade e os desafios enfrentados pelas mulheres no futebol guineense. Assim, desde a decisão de trabalhar com este tema, comecei a fazer pesquisas e encontrei dificuldades em achar textos direcionados especificamente ao tema em questão no contexto guineense. Desse modo, recorremos, como instrumento, às entrevistas de caráter qualitativa, utilizando também outras bibliografias que tratam da realidade de outros países para ilustrar o nosso trabalho.

Fraser e Gondim (2004) apontam que “a entrevista na pesquisa qualitativa [...] permite atingir um nível de compreensão da realidade humana que se torna acessível por meio de discursos, sendo apropriada para investigação, cujo objetivo é conhecer como as pessoas percebem o mundo” (FRASE; GONDIM, 2004, p. 140). Em vista disso, trabalhamos com o roteiro semiestruturado. Antes das entrevistas, foram enviados os questionários às nossas interlocutoras, logo após marcamos as datas para as realizações de cada entrevista.

As entrevistas foram realizadas de diversas maneiras, contando com oito informantes, todas de nacionalidade guineense, sendo algumas delas estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), uma estudante da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e as outras residem em Guiné-Bissau. Todas as entrevistas foram gravadas por meio do celular e enviadas posteriormente para um grupo específico do WhatsApp criado para este fim; as entrevistas foram feitas no guineense (língua nacional da Guiné-Bissau, conhecida e geralmente chamada como “crioulo”) e depois transcritas/traduzidas para o português.

As entrevistas foram presenciais com as estudantes da UNILAB no Campus dos Malês em São Francisco do Conde-BA, com a interlocutora 6, de 23 anos, e com interlocutora 8, de 25 anos. Com a primeira citada, a entrevista durou em torno de 50 minutos e, com a segunda, a duração foi de 40 minutos. Por outro lado, as outras entrevistas, cujo o alcance foi difícil por questões financeiras ligados a nossa locomoção, foram realizadas por meio de plataforma *Google Meet* e por meio de aplicação de uma lista de questões para ser respondida e enviada no grupo criado.

No *Meet*, foi feita com a interlocutora 1, de 45 anos, interlocutora 7, de 28 anos, estudante da UNILAB, interlocutora 4, de 27 anos, jogadora da equipe Tênis Clube de Bideira, e interlocutora 2, de 27 anos, estudante da UFSC e jogadora da equipe Associação de

Reciclagem Moradores de Rua ACMRFT7 de Santa Catarina – Brasil. Com a interlocutora 7, a conversa teve uma hora; com a interlocutora 4 a duração foi de uma hora e quinze minutos; com a interlocutora 2 foi de aproximadamente uma hora e quarenta minutos.

As outras duas entrevistas foram feitas em Guiné-Bissau mediante a aplicação do roteiro de entrevista. Para tal intento, foi pedido e enviado o roteiro para um amigo no sentido de o aplicar às duas jogadoras escolhidas para participar neste estudo: a interlocutora 5, 25 anos, e a interlocutora 3, de 26 anos. A duração da entrevista com as duas informantes teve uma hora e trinta minutos. Ademais, as falas foram gravadas no mesmo local no bairro Cuntum Madina, em Bissau – capital do país. Para melhor compreensão das dificuldades enfrentadas pela camada feminina para inserção no futebol, a seguir apresenta-se o referencial teórico.

2 A HISTÓRIA DO FUTEBOL NA GUINÉ-BISSAU

Antes de apontar o preconceito, a invisibilidade e as necessidades que o futebol feminino guineense enfrenta, faz-se, de antemão, necessário trazer aqui um breve histórico sobre a vida esportiva nesse país, especificamente o futebol. Para tanto, traz-se aqui uma breve narração sobre a vida desportiva deste território para que assim possa-se entender e responder à pergunta: qual é o papel ocupado pelas mulheres no mundo do futebol em contexto guineense?

Há que se entender que, assim como em outras esferas, o desporto na Guiné-Bissau foi tardiamente desenvolvido se comparado com todas as outras ex-colônias portuguesas na África. Como ilustração, só em 1963 uma equipe de futebol, os Balantas, foi deslocado para representar o país em Portugal, enquanto que as equipes angolanas, moçambicanas e cabo-verdianas já o faziam desde o ano 1957 (MELO, 2016).

Mendes (2000) aponta que “A história do desporto guineense pode ser dividida em duas partes bem distintas, a saber, antes da independência Nacional, depois da Independência Nacional” (MENDES, 2000, p. 47). Entretanto, observam Melo (2016) e Mendes (2000) que em todas as modalidades esportivas, o futebol é a mais aderida e amada pelos guineenses, propagado em todo o território nacional. De acordo com Helal (1996):

O futebol é uma das principais fontes de identidade cultural do país. Capaz de mobilizar e atrair milhões de pessoas, o futebol pode ser entendido como uma forma cultural que promove a integração do país, fazendo com que a sociedade encontre um sentido de totalidade raramente encontrado em outras esferas da vida social. (HELAL, 1996, p. s/n).

Na Guiné-Bissau, o futebol é uma das atividades de integração social, pois consegue integrar mulheres, homens e crianças. Um dos líderes da luta pela independência, em sua carta pedindo bolas, relata o seguinte: “Solicita que sejam enviadas ao menos quatro, se possível até mais, pois no interior de nosso país e, em quase todas as bases, os nossos jovens gostam de jogar futebol” (MELO, 2016, p. 429). Vale ressaltar que nos primeiros momentos da vida do futebol na Guiné-Bissau, ele era destinado e ofertado a quem pertencia a uma determinada classe na sociedade, excluindo, assim, os demais. Sobre esse fato, Mendes aponta que:

Relativamente ao período anterior a Independência, a prática desportiva na Guiné Bissau, era reservado quase em exclusivo para quem tivesse o privilégio de frequentar o único Liceu, que existia no País, na capital Bissau, e assim participar nos torneios e campeonatos organizados pela então Mocidade Portuguesa. [...] Devo, todavia, dizer que os não abrangidos pelas três vertentes (Liceal, Militar e Associativa-política) se contentavam em esporadicamente e assim que as condições o favoreçam, jogar futebol nas equipas improvisadas dos bairros e/ou Tabancas. Como modalidade desportiva, era e é o futebol a única que se praticava um pouco por todas as regiões, contudo em Bissau já se praticava o Basquetebol, Atletismo, Voleibol, entre outras modalidades possíveis no momento. (MENDES, 2000, p. 48).

Em outros termos, seria certo afirmar que o futebol, no seu primeiro momento na Guiné-Bissau, era destinado somente para a elite. Essa exclusão por classe social, no futebol, não existiu apenas em Guiné-Bissau, a mesma cena também aconteceu, por exemplo, na Inglaterra e no Brasil, nos seus momentos iniciais nessa aventura, onde só as elites é que o praticavam (ROQUE, 2020).

O futebol em Guiné-Bissau começa a ser conhecido e praticado no final do ano de 1940 e ganhou mais força, e muita aderência, só quase uma década depois, final da década de 1950. Era um momento tenso da situação política em que os líderes nativos estavam incansavelmente a mobilizar seus irmãos para aderirem ao movimento e lutarem pela independência.

Podem ser vários os motivos pelos quais o futebol e o desporto em geral foram levados para Guiné-Bissau pelos colonos portugueses, porém os mais certos são: mobilizar os gentílicos guineenses a não aderirem ao grupo pela independência e, outrossim, tentar mostrar às

organizações internacionais de que realmente o interesse português pela Guiné-Bissau não era explorar, mas investir e cumprir com a sua missão civilizatória (MELO, 2016; MENDES, 2000).

Melo, sobre esse fato, ilustra o seguinte que “[...] graças a ação de Sarmento Rodrigues (governador entre os anos de 1945 e 1949), Guiné tornou-se o primeiro lugar do ultramar no qual a prática foi explicitamente mobilizada pelo poder governamental” (MELO, 2016, 409). Na Guiné, assim como em todas as províncias ultramarinas portuguesas, o esporte foi usado para atrair a população e assim atender os interesses metropolitanos, interesses esses de continuar a exercer seu poder político sobre povos colonizados e atraí-los para não se revoltarem contra o sistema imperialista (MELO, 2016).

Além de unir pessoas para uma causa, o futebol também servia de preparo físico e militar pelos nativos para enfrentar o inimigo. E assim foi durante toda luta pela independência do país (MELO, 2016). No que toca ao futebol, nesse primeiro momento eram organizados os campeonatos e, como consequência disso, foram criados times do futebol masculino, entre os quais alguns sobrevivem até o momento atual: a UDIB, Benfica de Bissau, Sporting de Bafatá e Sporting de Bissau, os balantas.

A segunda parte do desporto guineense começa depois da independência até o momento atual. “Neste momento, o Futebol é a modalidade desportiva mais praticada na Guiné Bissau, não só a nível federado, mas também a nível recreativo, dado que se pratica com uma certa regularidade pois existem campeonatos regionais e nacionais, todos os anos” (MENDES, 2000, p. 50).

3 FUTEBOL E JOGADORAS GUINEENSES: DO PRECONCEITO À INVISIBILIDADE

Como vimos na seção anterior, o futebol é a modalidade mais praticada na Guiné-Bissau e, com isso, faz-se a seguinte pergunta: onde está o lugar da mulher nesse esporte e que espaço ocupou/ocupa o futebol feminino? Obviamente que as respostas para esta pergunta não são das mais fáceis. Qual o lugar da mulher no futebol guineense? O lugar da mulher no futebol guineense reflete as desigualdades estruturais existente na sociedade guineense de modo mais

amplo. Em geral, as mulheres cozinham, lavam louças e equipamentos para os jogadores nos clubes, mas, certamente, não ocupam um lugar dentro e fora de campo quando o assunto é bola. Da mesma forma, o futebol feminino guineense não ocupou nenhum espaço, senão o do esquecimento.

Desde os primórdios, os homens têm desempenhado um papéis que se sobrepõem sobre aqueles desempenhados pelas mulheres, e isso pode ser visto em todas as esferas sociais. Como diz Scott (1995) *apud* Roque (2020) “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86 *apud* ROQUE, 2020, p. 10).

No que toca ao futebol feminino, a realidade no caso da Guiné-Bissau não é diferente, talvez seja uma das mais deprimentes. As mulheres que jogam futebol são invisibilizadas na Guiné Bissau. Apesar de encontrarmos grande dificuldade em achar as referências teóricas sobre o futebol guineense devido à escassez de pesquisas nessa área, as poucas que encontramos não fazem menção, senão poucas, sobre o futebol feminino. O que se faz crer que essa modalidade era, e é até hoje, destinada para atletas do sexo masculino.

Ora, em outros países como a Inglaterra (berço desse esporte) e o Brasil, as mulheres foram excluídas do futebol por muitos anos. Até a segunda metade da década de 1970, caso da Inglaterra, e a primeira metade de 1980, caso do Brasil, as mulheres não podiam jogar futebol com o pretexto de que seus corpos são delicados para tal intento, sob pena de ter danos físicos e outros (ROQUE, 2020; DETONI et. al., 2022). Na Guiné-Bissau, a situação não foi diferente. O fato importante aqui a observar é que a situação é mais crítica do que se pode imaginar, pois, até o ano 2000, o futebol feminino não existia nesse país, apenas de maneira clandestina.

Mendes (2000) traz dados de números dos participantes em cada modalidade desportiva, em Guiné Bissau. Entre elas, o futebol é a que não possuía atletas mulheres (zero) de 1989/1990 e até 1999/2000. A modalidade até o último ano do século vinte não possuía nenhuma jogadora, segundo essa pesquisa. Esses dados são assustadores e retratam bem a desigualdade entre homens e mulheres no esporte, na sociedade guineense. “Embora a situação guineense seja uma das mais desfavoráveis do continente, não seria demais afirmar que, em todo o mundo, a

situação das mulheres no desporto, não lhes é ainda favorável quando comparado com os homens” (MENDES, 2000, p. 74).

A desigualdade entre homens e mulheres presente no futebol pode estar ligada à herança colonial dos portugueses que levaram o futebol para Guiné-Bissau, excluindo as mulheres dele. Vale evidenciar que, até mesmo em Portugal, o futebol não era para mulheres até o início da década de 1980. Mesmo quando passou a ser praticado por mulheres, as jogadoras portuguesas sofriam muitas restrições, preconceitos e desincentivos. Assim relata uma delas: “havia homens e mulheres que iam ver os jogos por curiosidade e ouvíamos coisas do gênero: ‘Ide lavar a loiça, ide para casa’” (COELHO, 2018, p. 52).

Na sociedade guineense, embute-se nas pessoas a ideia de que o futebol é coisa dos “homens” não das “mulheres”. O lugar da mulher é ver seus pares (os homens) a desempenharem suas funções dentro do campo. Por este motivo, a afirmação das mulheres nesse espaço tem sido um processo lento, com poucas mulheres empoderadas quebrando os paradigmas estipulados, pois, historicamente, tem sido negado às mulheres esse lugar.

Conforme já apontado, a minha história como jogadora amadora e os entraves por mim encontrados no processo de afirmação nesse esporte foram a motivação para esta pesquisa. Com o intuito de partilhar essa experiência, eis o resultado de uma das entrevistas feitas com minha mãe, Maria Antónia Cá, sobre mim:

A sua paixão pela bola é desde criança, porque, na casa do seu avô, onde você nasceu e cresceu, era rodeada de homens jogadores, principalmente o seu pai que jogava os campeonatos. Ele era conhecido como um grande jogador, não seria estranho você saber jogar, pois você veio de uma família onde muitas delas sabem jogar. O seu pai amava ver-te a jogar desde criança, pois o futebol era coisa que ele amava. Por outro lado, crescestes num bairro onde sua casa é próxima ao campo e isso influenciou bastante na sua dedicação ao futebol, o campo era um lugar de lazer para vocês, principalmente, você que sempre que os meninos do bairro estavam a jogar, era uma das primeiras meninas que estava presente no campo jogando com eles e havia vezes que, ao sair da escola, nem preocupava em chegar a casa para tirar a roupa da escola e depois ir jogar, ficava direto no campo jogando e sem comer às vezes. Essa situação me chateava muito, porque não achava isso normal para uma menina. Lembro-me que batia sempre em você, porque era frequente essa situação de estar com os meninos no campo. As pessoas que sempre lhe defendiam eram os seus tios e o seu pai. Os motivos de eu fazer isso são muitos, porque não via isso como algo bom para você sendo “mulher” e para o seu corpo, e também ia-lhe distanciar dos seus papéis de mulher, deixar de cumprir com suas obrigações de fazer os trabalhos de casa como limpar a casa, cozinhar e lavar pratos e de ser mãe cuidadora do seu lar, não é digno uma mulher distanciar destes trabalhos. De ressaltar também que nunca ouvi falar de uma mulher que tem o futebol como profissão na Guiné-Bissau, porque nenhum homem vai aceitar ou

deixar que sua esposa saísse de casa para jogar. Imagine você deixar sua filha em casa só para ir jogar? Por fim, acho que o futebol é para homem, não para meninas, como costume dizer para você de que desde que eu nasci e cresci nunca vi e ouvi de que uma mulher foi levada para a Europa com o objetivo de jogar. Se até para os homens que são aceitos a exercer o futebol são difíceis suas saídas para Europa, imagina para você que é mulher? (Interlocutora 1, 2023, entrevista, tradução nossa 03.04).

Muitas falas aqui demonstram afirmação do machismo estrutural no que toca ao futebol guineense, falas essas que reforçam os comportamentos normalizados baseando na forma que as crianças são educadas e vinculadas aos papéis construídos com base no gênero. Assim, de acordo com Goeller (2007) “é importante a utilização do ‘gênero’ como uma categoria analítica para compreender os processos pelos quais, no interior de redes de poder, a diferença biológica é tomada para explicar desigualdades sociais” (GOELLER, 2007, p. 4).

No que toca ao futebol guineense, percebe-se que as questões biológicas são utilizadas para impedir que as mulheres possam participar do futebol, além de ter todas as questões sociais que foram construídas para negar a entrada da mulher neste espaço, elencando como justificativa que o corpo da mulher não tem a estrutura para futebol, por ser o sexo “frágil”. Teixeira e Monte (2016), assim argumentam:

Mediante diversos pretextos, as mulheres são condicionadas à herança cultural machista das sociedades, sofrendo as duras consequências disso nos diferentes âmbitos da vida; e mesmo após décadas de luta, o corpo feminino continua sendo propagado como um produto a ser consumido, ou como sinônimo de fragilidade e inferioridade. (TEXEIRA; MONTE, 2016, p.1)

Ora, não se tratava da natureza física das mulheres, pois, hoje, elas comprovam isso, tratava-se do machismo veiculado por séculos de que os homens são superiores às mulheres, fato que as limitam durante toda a história. Vale lembrar também que foi inventada e alimentada de que as mulheres são menos inteligentes do que os homens, fato aceito durante séculos na sociedade. Nada obstante, a história moderna traz provas irrefutáveis de que todas essas narrativas são apenas falácias com o propósito de alimentar o ego masculino, mas as mulheres têm sido fortes, resistentes e criativas, provando seus valores nas sociedades que sempre as reprimiram.

4 DESCRIMINAÇÃO, ABUSOS E VIOLÊNCIAS COMETIDOS CONTRA MULHERES QUE PRATICAM O FUTEBOL EM GUINÉ-BISSAU: ANÁLISE E RESULTADOS DO TRABALHO DE CAMPO

No que se refere ao futebol da Guiné-Bissau, percebe-se que o futebol feminino guineense ainda segue os mesmos paradigmas construídos historicamente. Diante desta questão, podemos constatar nas falas das interlocutoras o seguinte:

As dificuldades para se inserir no mundo de futebol não são poucas não, principalmente quando se trata de um país onde o futebol feminino não é levado a sério e também pela sociedade que temos. Só pelo fato de ser mulher já é uma grande luta, imagine por ser uma mulher jogadora, aí fica mais difícil. Por outro lado, as palavras desmotivadoras vêm das nossas próprias famílias, por insistir na ideia de que o futebol não é para meninas. Como sabemos, na sociedade guineense, a partir dos seis anos de idade, já começam a ensinar às meninas os trabalhos de cozinha, limpar a casa e lavar a louças. Meninas são presenteadas de bonecas e brinquedos da cozinha e, desde muito cedo, aprendi que o futebol não é para mulher, então não seria fácil a entrada da mulher no futebol, porque desde muito cedo são mostradas os lugares que devem ocupar “[...]. Minha família sempre utilizou das questões do sexo para me impedir de participar do futebol. Minha mãe, por exemplo, falava que o futebol é guerra, então, uma mulher não pode o praticar, porque não tenho forças. Por outro lado, quando jogo com os homens provocavam-me e me desafiavam com suas forças, mas essas provocações são feitas por eu ser mulher, não tem outra justificativa para tal. (Interlocutora 2, 2023, entrevista, tradução nossa).

Observa-se que, na fala da interlocutora 2, a forma como as crianças são ensinadas a se comportarem desde pequena e a maneira como são inseridas nos papéis de gênero criam obstáculos às suas participações no futebol. Joblonski (2010, p. 264) aponta que “a par das diferenças culturais e dos avanços [...] parece persistir uma visão conservadora dos papéis”. Quanto às mulheres, um desses papéis se refere às tarefas domésticas e à responsabilidade pelo cuidado e educação dos filhos. Assim, as responsabilidades dos afazeres domésticos, desde o cuidado com a casa, lavar louças, varrer, limpar, cozinhar até o exercício do cuidado, essas tarefas são, desde sempre, deixadas para meninas. Desde a infância, elas são ensinadas o que é ser mulher, o que significa que se uma mulher souber fazer esses trabalhos, será considerada uma mulher de honra. Isso contribui bastante na criação de obstáculos para elas se inserirem seriamente no futebol, porque ainda persiste a ideia de elas serem donas de casa e muitas das meninas acabam por se preocupar mais com essa responsabilidade ao invés de seguirem seus sonhos. Ainda nessa reflexão, a interlocutora 3 ressalta:

Sempre tive o sonho de ser uma grande jogadora. Comecei a jogar na escola e também nas aulas da educação física, nessa minha trajetória quem sempre me

apoiou foi o meu tio, era o único da família presente e depois que entrei na seleção ele continuou a me incentivar. Dentro da própria família, recebia mensagem que me desestimulava, por exemplo: “você não é homem para jogar” “o seu trabalho é cozinhar e ficar nas bancadas para apoiar os homens, pois és fraca e ainda por cima mulher”. E minha mãe sempre preocupada com os meus afazeres que é como obrigação eu fazer os meus deveres de casa. Sempre que saía de casa para treinar, a minha mãe me questionava se já fiz os trabalhos de casa, no caso, lavar as louças e limpar a casa. (Interlocutora 3, 2023, entrevista, tradução nossa).

O preconceito e a discriminação contra pessoas do gênero feminino fazem parte da história. “Por muitos anos, a mulher foi proibida de participar em atividades esportivas devido à ideia de que era frágil, não tinha capacidade biológica para tal, deveria se resguardar para cumprir o papel de mãe e esposa ou de que se masculinizaria” (MORAES E SILVA; FONTOURA, 2011 *Apud* DETONI et. al., 2022, p. 1-2). O preconceito que as mulheres sofrem no futebol tem contribuído para que seu futebol não avance. Ao comentar sobre esse tema, Salvini e Júnior (2016) afirmam que o futebol feminino tem sofrido, no que se refere ao gênero, o preconceito de forma recorrente. Para esses autores, junta-se a isso as faltas de financiamento e incentivo, contribuindo para que a mídia não desse a merecida atenção ao futebol feminino. Na sociedade guineense as tarefas domésticas, por exemplo, cuidar da casa, das crianças e até das famílias próximas ficam sob a responsabilidade da mulher e isso tem dificultado a sua trajetória no futebol, conforme esclarece a interlocutora 2, no trecho que se segue.

Aos meus 12 anos, comecei a me dedicar mais ao jogo e me destacava muito no campo, mas não era tão fácil sair de casa para jogar. Minha mãe como não queria que eu continuasse a jogar me colocava a fazer muitos trabalhos, principalmente na hora em que minhas amigas vinham buscar-me para jogar, minhas colegas ajudavam-me em fazer todos os trabalhos. Às vezes, minha mãe me deixava ir, mas com promessa de que voltarei cedo para casa. Sempre que acontecia isso, eu questionava: será que se fosse para dançar ou para uma aula de colunaria vão deixar que eu participasse ou me privar deste jeito? Lógico que não. Mas sentia que era tudo que queria, então, não vai ser fácil eu desistir, mesmo atravessando essas dificuldades. Meu pai sempre me falava: - desde quando viu uma mulher ir para Europa jogar? Confesso que é mais difícil você ser aceita pela família como jogadora do que na rua. Lembro-me das vezes que as pessoas, principalmente homens, nos falavam no campo: vão todas para casa lavar pratos e cozinhar e o futebol é para homem (Interlocutora 2, 2023, entrevista, tradução nossa).

“Por ser considerado o sexo forte, o homem sempre se sentiu no direito de exercer seu poder de masculinidade acima da mulher, essas questões históricas foram cruciais para que a mulher se sentisse submetida ao homem em praticamente todos os lugares” (DETONI et. al, 2022, p. 4). Noronha afirma que “a discussão sobre o gênero implica o debate sobre as relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres”(NORONHA, 2012, p. 2), o que significa que para entender esta predominância do homem no futebol faz-se necessária uma análise

histórica. Diante disso, argumentam Texeira e Monte (2016) que as mulheres são “historicamente consideradas frágeis para a prática de atividades físicas, a inclusão das mulheres no mundo esportivo deixa rastros de segregação e discriminação” (TEIXEIRA; MONTE, 2016, p. 1).

A interlocutora 4 falou também da sua trajetória. Percebe-se que quase todas as interlocutoras passam e ainda estão passando pelas mesmas situações. De acordo com ela, com base em suas experiências e pelas partilhas que já teve com outras mulheres, a maioria delas, praticantes do futebol, passou por muitas dificuldades. Isso leva outras mulheres que jogam a pensarem em desistir. O primeiro desafio que surge nas narrativas das nossas interlocutoras é não ter o apoio da família. Eis algumas das frases que ela ouvia sempre da sua mãe:

Tem muitos homens jogando aqui e nunca viajaram para Europa, vocês mulheres que vão conseguir? Jogar é coisa dos meninos e tu vai ficar com corpo tipo homem se continuar a praticar o futebol, e não é adequada uma mulher fugir das suas responsabilidades que é cuidar das tarefas domésticas para ser jogadora.

Os estereótipos criados para o corpo da mulher é um dos fatores que mais contribuíram para a discriminação sofrida pelas mulheres no mundo do futebol. Pode-se evidenciar tal fato baseado nas incontáveis opiniões a respeito do assunto. Goellner (2005) assim esclarece:

A aproximação, por vezes recorrente, entre o futebol e a masculinização da mulher e naturalização de uma representação de feminilidade que estabelece uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza. Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e as lutas. (GOELLNER, 2005, p.143).

Silveira e Vaz (2014) vão dizer que “corpo forte, músculos potentes e avantajados são, ‘naturalmente’, associados aos atletas homens e quando algumas mulheres apresentam esses padrões de corpos [...] o gênero e o sexo delas passam a ser questionados” (SILVEIRA;VAZ, 2014, p. 462). Goellner (2005), ao comentar sobre essas preocupações com as mulheres no futebol, explica que:

Além do medo de que a participação das mulheres em atividades esportivas pudesse desonra-las havia, ainda, outra preocupação: seu sucesso nestas práticas poderia infringir as leis da natureza pois, ao mostrarem-se mais fortes do que se supunha, seria fissurado o discurso da natureza cuja base estava assentada na sobrepujança física de um sexo sobre outro (GOELLNER, 2005, p. 145).

Gayle Rubin (1993) afirma a existência de um sistema sexo-gênero. Esse sistema seria responsável por transformar as diferenças biológicas em desigualdades sociais. Nele, as diferenças do corpo seriam vistas como justificativas para diferenças e desigualdades entre homens e mulheres. Assim, o argumento da natureza é mobilizado para legitimar posições de poder e possibilidades desiguais para ambos os gêneros. Isso é percebido nas narrativas apresentadas por nossas interlocutoras.

A interlocutora 5 descobriu que sabia jogar nos encontros que eram organizados na igreja da sua comunidade. Ela passou pelas mesmas experiências de discriminação que suas colegas. Ela mostrou que começou a ser discriminada pela sua família. Segundo ela, as frases que recebia eram as mesmas: "o jogo não é para mulheres". Ela desafiava essa fala e sempre que era convocada para jogar em outras regiões do país, aceitava. Mas sempre que voltava para casa não era recebida bem pela família. Ao passar por essas situações, pensou em desistir, mas como o espírito do futebol falava mais alto, não conseguia. A interlocutora conta que sempre que era convocada para ir jogar, resolvia fazer os afazeres de casa horas antes e deixava tudo arrumado como uma forma de convencer a mãe. Por outro lado, falou das frases desmotivadoras que recebe até hoje, segundo ela, os desafios são enormes.

Partindo de um olhar atento às situações em comum vivenciadas por mulheres que jogam futebol em Guiné Bissau, trago minha experiência. Lembro-me das conversas que minha mãe me dirigia em relação às funções que eram determinadas para mulher, mostrando que o meu lugar é cuidar das tarefas de casa, quem deveria estar no campo para jogar é o meu irmãozinho, pois ele é homem. Por outro lado, mesmo sendo aceita para jogar, tinha por obrigação fazer todos os trabalhos de casa para depois ir, o que não acontece com os homens. Mesmo fazendo tudo que ela me pedia para ir jogar, eu apanhava, e as suas justificativas eram "gostas de correr atrás da bola tipo homem, não quero ouvir de novo que você foi jogar".

Franzini, ao discorrer sobre essas afirmações, observa que "[...] na verdade, o grande problema dizia respeito não ao futebol em si, mas justamente à subversão de papéis promovida pelas jovens que o praticavam, uma vez que elas estariam abandonando suas "funções naturais" para invadirem o espaço dos homens" (FRANZINI, 2005, p 321).

Assim, parece que os obstáculos para as mulheres jogadoras de futebol não dizem respeito às dimensões biológicas ou físicas, mas às dimensões sociais. No que diz respeito à subversão de

papéis, durante as minhas entrevistas, minhas interlocutoras falaram sobre os questionamentos e as obrigações de elas continuarem submissas aos papéis que eram destinadas a fazer, mesmo tendo homens que pudessem fazê-los. A interlocutora 6, por exemplo, alega o seguinte:

Na casa onde cresci, eu e minha mãe somos as únicas mulheres e cuidávamos de tudo, mesmo tendo homens para nos ajudar ninguém fazia nada, porque são criados a fazer outros tipos de trabalhos e, nós, como mulheres, temos a obrigação de cuidar de casa e até deles, porque somos nós, as mulheres, que preparamos comidas e limpamos a casa. Então, deixar essas funções que é obrigação das mulheres não terá pessoas para fazer. [...] Sempre tive o apoio da minha família, principalmente, da minha mãe. Mesmo sabendo que ser uma mulher jogadora não é fácil na Guiné-Bissau, minha mãe me incentivava muito, deve ser por motivos dela saber jogar, mas lembro que quando eu saía para jogar com minhas amigas, eu era questionada pela minha avó se já fiz os trabalhos de casa, no caso, limpar a casa e lavar a louça e, por outro, ela determinava a hora que devo voltar para casa preparar a janta para casa inteira. Mesmo estando minha mãe em casa, os rapazes não vou dizer, porque não são ensinados a cozinhar, porque o homem que cozinha na Guiné-Bissau é chamado de maricas (gay) (Interlocutora 6, 2023, entrevista, tradução nossa).

Ainda nessa mesma linha de pensamento da sociedade, apesar de reconhecer o apoio que recebia da família para jogar futebol, a interlocutora 7 argumenta o seguinte:

Com 10 anos comecei a jogar nos cantos do bairro, com homens, campeonatos entre bairros e, também, nas aulas da educação física. Quando comecei a jogar recebia todo o apoio da família, principalmente do meu pai, quando ouvia as pessoas falarem sobre o meu jogo, ele ficava muito feliz. Mas, conheço colegas que já passaram pelas situações difíceis. De salientar que toda mulher praticante de futebol já foi discriminada. Com todo esse apoio, nunca pensei em ser uma jogadora, principalmente jogadora profissional, pois nunca tive esse olhar de que o futebol podia ser para mim uma profissão. Por outro lado, não havia mulheres em quem eu podia me espelhar ou ter como referência, pelo menos eu nunca ouvi falar de uma mulher que tem o futebol como profissão na Guiné-Bissau. Por esse motivo, eu jogava mais pela diversão do que pela paixão. (Interlocutora 7, 2023, entrevista, tradução nossa).

Diferente das outras, as interlocutoras 6 e 7 receberam o apoio da família para frequentar o mundo do futebol, porém a 6 carece de algumas oportunidades. Ela também continua sendo responsável pelos trabalhos de casa e não tinha a liberdade de jogar até quando queria voltar para casa. Conforme pode-se perceber, nossas entrevistadas, além de não terem liberdade para jogar futebol conforme desejavam, elas também carecem da visibilidade, como era de se esperar. Como acima referido, não se tinha notícia de sequer uma mulher praticante do futebol em Guiné-Bissau até o ano de 2000. Tal fato faz com que nossas informantes e muitas outras meninas que agora jogam futebol nesse país careçam de exemplo/modelo a seguir para consolidação de suas carreiras futebolísticas.

Os entraves que nós mulheres praticantes do futebol encontramos são muitos, conforme serão expostos abaixo. Nossas interlocutoras mostraram que toda mulher que pratica futebol já ouviu falas que as discriminam. Uma dessas falas é a de que a mulher que joga futebol fica com corpo igual do homem, como argumenta a interlocutora 3: “[...]minha mãe ficava preocupada comigo ao jogar, além de dizer que o meu corpo não ia permitir eu jogar, ela ainda alegava que se eu continuasse, ficaria com o corpo tipo homem”.

A seguir se pode verificar nas falas das interlocutoras 6 e 8 o mesmo relato:

Eu ouvia que este tipo de corpo não faz com que os homens tenham interesse em ti, tem que ser uma mulher padrão construída pela sociedade, mas nunca levei isso a sério, até porque falam que o corpo precisa de exercício para ficar saudável, então é muita incoerência por parte das pessoas me questionar sobre isso. [...] até hoje sofro com esta questão, sempre ouço a pergunta do tipo: - você joga? E quando pergunto o porquê desta pergunta, a pessoa me responde que tenho corpo de quem pratica o futebol. Até mulheres falam que o meu corpo não é bonito (interlocutora 6, 2023, entrevista, tradução nossa).

[...] eu, por exemplo, pela estrutura do meu corpo, as pessoas sempre me perguntam se pratico futebol, e sempre que questiono ou pergunto a essas mesmas pessoas o porquê dessa pergunta, a resposta é: tens corpo de quem joga bola, corpo bem dura. Na Guiné Bissau, basta ter corpo rijo és automaticamente vista como quem pratica o futebol (interlocutora 8, 2023, entrevista, tradução nossa).

Seguindo a mesma linha de pensamento, BALLARINY (*apud* ROQUE, 2020, p. 15) salienta que “o futebol é um esporte violento e prejudicial ao organismo não habituado a esses grandes esforços. Assim, com congestões e traumatismos pélvicos de ação nefasta para os órgãos femininos” (BALLARINTY *apud* ROQUE, 2020, p. 15). O autor vai além ao afirmar que “a prática do futebol pelas mulheres proporciona um antiestético e desproporcional desenvolvimento dos membros inferiores, por exemplo, tornozelos rechonchudos, pernas grossas arqueadas e joelhos deformados” (BALLARINTY *apud* ROQUE, 2020, p. 15).

Deste modo, o pesquisador posicionou-se contra a participação das mulheres no futebol, argumentando que esse esporte visa desenvolver qualidades não possuídas por elas. Discursos como esses objetivam, acima de tudo, barrar a participação das mulheres nesse entretenimento tido como um espaço masculino, sob pretexto de evitar que as mulheres se apropriem das características fundamentalmente masculinas.

A sociedade em que vivemos, por muitos anos, estabelece os padrões de corpos do homem e da mulher, conforme já exposto no nosso referencial teórico e nas falas das nossas

interlocutoras; padrões esses de que o corpo do homem deve ser forte, ao passo que o da mulher deve ser delicado e meigo, por isso não compatível com o futebol. Segundo Fabiano Devide (2016):

O esforço físico, a competição, a rivalidade consentida, o treinamento e a exibição de corpos performantes, práticas com esportivo, se permitidos às mulheres, poderiam desestabilizar aquilo que configurava os papéis sociais atribuídos a cada sexo, nos quais ao “homem associavam-se conceitos de vigor, moralidade, combatividade e a visibilidade pública, todos valorizados nos jogos olímpicos, e à mulher a maternidade, o cuidado com a casa e a clausura do lar (DEVIDE, 2005 *apud* GOELLER, 2016 p. 32).

Há que se perceber que a discriminação que as mulheres sofrem em busca de seu sonho de ser jogadoras de futebol é repugnante. Porém, além disso, há algo mais grave que ainda acontece com elas: o assédio e abuso sexual. Nossa interlocutora 3 conta que tinha um treinador que assediava constantemente as jogadoras. Ele já chegou a se esconder para vê-las no banheiro tomando banho. O episódio levou as jogadoras a denunciar o treinador e elas voltaram como culpadas da história, conforme se pode verificar: “[...] procurei as instâncias superiores e fiz uma denúncia com minhas colegas, no entanto, ao invés de tentarem resolver o que passamos, somos ainda vistas como erradas da história, o que gerou um grande problema e culminou na nossa saída no clube por vontade própria”.

Além de passar por essa situação de abuso sexual, ela ressalta que sofria muito na relação com sua família, porque eles afirmavam que aquele espaço não a pertence, por isso, tudo o que acontece com ela nesse ambiente, seria da sua responsabilidade. “Nesse sentido, existem alguns fatores que tornam a mulher culpada pelo abuso, ou seja, nessas situações o agressor é legitimado para cometer o abuso. A culpa não é daquele que violentou e sim daquela que pediu implicitamente a violência” (PINHEIRO; CAMINHA, 2021, p. 12). Goeller frisa que “embora as mulheres passem por várias situações nos esportes, é preciso prestar mais atenção nos assédios sexual e moral e a violência sexual presentes em clubes, federações e outras instituições esportivas” (GOELLER, 2016, p. 36).

O caso da interlocutora 3 e suas colegas não é um caso isolado, mas sim um problema frequente que não é levado a público pelo medo que muitas delas têm de não serem ouvidas, como aconteceu com essa interlocutora e suas amigas. Outro problema é suas permanências. A informante aponta que é preciso, urgentemente, o melhoramento dos cuidados e mais incentivos para com as mulheres que queiram permanecer neste espaço. Falta incentivo e

financiamento por parte do Estado. O Estado e os clubes não proveem as condições mínimas para permanência das mulheres no mundo do futebol.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados obtidos nas entrevistas para este trabalho e os referenciais teóricos nos dão uma visão clara sobre a invisibilidade das mulheres no mundo do futebol na Guiné-Bissau. Assim, os resultados encontrados mostram que o futebol feminino guineense, desde sempre, sofre com enormes dificuldades ao longo do tempo. Embora atualmente exista algum reconhecimento do futebol feminino e a participação das próprias mulheres tenha aumentado, ainda existem muitas coisas que precisam ser feitas, como aponta as minhas interlocutoras, porque as mulheres ainda se encontram mais prejudicadas em relação aos homens.

A não valorização e a discriminação dessas meninas no futebol faz com que elas não tenham o apoio e o incentivo necessários para a realização de seus sonhos. A mídia, por outro lado, como um instrumento importantíssimo que deve trabalhar para atração do investimento e aderência do público ao futebol feminino guineense, não faz o seu papel. Muito pelo contrário, entende-se que ela atua para inibição da participação das mulheres nesse esporte, deixando-as à própria sorte, matando seus sonhos, pois muitas acabam por desistir cedo ou tarde.

Um outro problema, tão deprimente, que se deve ser combatido com rigor e punições sérias é o de assédio e abuso sexual. Nas falas das nossas entrevistadas, entende-se que esse é um dos problemas que as deixam mais vulneráveis e desconfortáveis no esporte, assim como em outros ambientes. O corpo da mulher não pode continuar a ser visto como objeto do prazer masculino. Para isso, todos precisam combater essa prática para que possamos viver numa sociedade justa e de livre escolha para todas (os).

Em suma, o mundo do futebol reflete desigualdades e hierarquias de poder que existem de modo mais amplo na sociedade guineense. Ele reflete, mas, ao mesmo tempo, reafirma essas operações de poder e discriminação. A invisibilidade, a discriminação, o abuso sexual, a falta de incentivo à permanência, são resultados dessas hierarquias e desigualdades nas relações de

poder. Contudo, as desigualdades e hierarquias quanto ao gênero, nesse esporte, devem ser combatidas, incentivando as mulheres a irem atrás e realizarem seus sonhos.

REFERÊNCIAS

CÁ, João Fernando. **Aspectos linguísticos do guineense**: reflexões acerca de uma língua. 112p. 2021. Dissertação. Curso de Mestrado em Linguística. Universidade Federal de Lavras. Lavras, 2021.

CÁ, Imelson Ntchala; RUBIO, Cássio Florêncio. O PERFIL DOS ESTUDANTES E A REALIDADE DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA EM GUINÉ-BISSAU. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, nº 58.1, p.389-421, jan./abr. 2019.

COELHO, Ana Zayara Silva Michelli. **Futebol feminino**: um produto anexo Documentário sobre o futebol feminino. Dissertação. Curso de Mestrado em Audiovisual e Multimédia. Escola Superior de Comunicação Social. 2018.

DETONI, Heloisa Occhi.; AGGIO, Marina. Toscano.; FIGUERÔA, Kátiuscia. Mello. **Futebol feminino brasileiro e as dificuldades encontradas nesse subcampo esportivo**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/1081>. Acesso em: 17 jan. 2023.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em: <https://shre.ink/QJeX>. Acesso em: 28 abr. 2023.

FRANZINI, Fábio. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, nº 50, p. 315-328 – 2005. Disponível em: <https://shre.ink/QhTe>. Acesso em: 14 dez. 2022.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 14, p. 139-152, 2004. Disponível em: <https://shre.ink/QJeB>. Acesso em: 28 abr. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Jogos Olímpicos: a generificação de corpos performantes. **Revista USP**. São Paulo, n. 108, p. 29-38, jan./fev./mar. 2016. Disponível em: <https://shre.ink/QJUb>. Acesso em: 17 jan. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 8 n.1 revisada, p.85-100, jan./jun.2005. Disponível em: <https://shre.ink/QJr3>. Acesso em: 17 jan. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Disponível em: <https://shre.ink/QJrD>. Acesso em: 20 jan. 2023.

HELAL, Ronaldo. Geoge. Futebol, cultura e cidade. **Logos**, v. 3, n. 2, p. 5-7, 1996. Disponível em: <https://shre.ink/Qh6g>. Acesso em: 05 maio 2023.

JABLONSKI, Bernardo. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e profissão**, v. 30, p. 262-275, 2010. Disponível em: <https://shre.ink/QJui> . Acesso em: 28 abr. 2023.

MENDES, Paulo Fonseca. **O desporto na República da Guiné-Bissau**: análise evolutiva da legislação e do nível de prática desportiva (1974-1999). 156p. 2001. Dissertação. Curso de Mestrado em Ciências do Desporto. Universidade do Porto. Porto, 2001.

MELO, Victor Andrade. A nação em jogo: esporte e guerra colonial na Guiné Portuguesa (1961-1974). **Antíteses**, v. 9, n. 18, 2016, p. 407-436.

NORONHA, Marcelo Pizarro. **(Des) construindo identidades: ambiguidades, estereótipos e luta política nas relações mulher-futebol**. 2012. Disponível em: <https://shre.ink/QJ7j>. Acesso em: 17 jan. 2023.

PINHEIRO, Maria Rosângela Dias; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Assédio sexual em mulheres praticantes de musculação: impactos no seu cotidiano. **Interface, Comunicação, Saúde, Educação**, v.25, p. 1-18, 2021. Disponível em: <https://shre.ink/QJPW>. Acesso em: 28 abr. 2023.

ROQUE, Lorena Aparecida de Oliveira. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil**. Projeto de Pesquisa. Curso de Licenciatura em Educação Física. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2020.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Rev Bras Educ Fís Esporte**, São Paulo, p. 303-311, abr./jun.2016. Disponível em: <https://shre.ink/QJ8H>. Acesso em: 17 jan. 2023.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Dicionário do Guineense**: vol. I: Introdução e notas gramaticais. Lisboa: Colibri / FASPEBI, 1999.

TEIXEIRA, Carla Loyana Dias; MONTE, Emerson Duarte. **História de luta das mulheres no cenário esportivo**: pesquisa comparada entre Brasil e Estados Unidos. [s.l.] p.1-24, [2016?].